

# Transformação urbana, episcopado e hagiografia em Arles (séc. IV-VI)

*Urban transformation, episcopacy, and hagiography in Arles  
(4<sup>th</sup>-6<sup>th</sup> centuries)*

Paulo Duarte Silva\*

João Victor Machado da Silva\*\*

**Resumo:** Este artigo explora o amplo tema da relação entre transformação urbana e liderança episcopal nos séculos V e VI, com enfoque na cidade de Arles. Depois de apresentar uma visão geral da trajetória de Arles, naquilo que diz respeito à sua centralidade econômica, importância política e crescente liderança eclesial regional, recorreremos à *Vita Caesarii Arelatensis* para analisar a relação entre referências espaciais e poder episcopal no caso de Cesário de Arles. Trata-se de uma hagiografia dedicada ao bispo e produzida em fins dos anos 540, que tem grande repercussão nos estudos históricos. Com base em uma comparação com as hagiografias de bispos precedentes, argumentamos que a maneira como a *Vita Caesarii* aborda o espaço e a memória indica uma mudança significativa na forma como o poder episcopal foi exercido entre a primeira década do século V e a metade do século VI, especialmente durante o bispado de Cesário (502-542).

**Abstract:** This article explores the broad theme of the relation between urban transformation and episcopal leadership in the fifth and sixth centuries, focusing on the city of Arles. After presenting an overview of Arles' trajectory, regarding its economic centrality, political importance, and growing ecclesiastical leadership in the region, we turn to the *Vita Caesarii Arelatensis* to analyze the relationship between spatial references and episcopal power in the case of Caesarius of Arles. It is a hagiography dedicated to the bishop and produced in the late 540s, which has great repercussions in historical studies. Based on a comparison with the hagiographies of preceding bishops, we argue that the way the *Vita Caesarii* approaches space and memory indicates a significant change in the way episcopal power was exercised between the first decade of the 5<sup>th</sup> century and the middle of the 6<sup>th</sup> century, especially during the bishopric of Caesarius (502-542).

**Palavras-chave:**

Arles.  
Cesário de Arles.  
Hagiografia.  
Poder episcopal.

**Keywords:**

Arles.  
Caesarius of Arles.  
Hagiography.  
Episcopal power.

---

Recebido em: 25/08/2023

Aprovado em: 13//2023

---

\* Professor Adjunto de História Medieval da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor e mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da mesma instituição (PPGHC-UFRJ). Graduado em História pela UFRJ. Membro da coordenação do Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ.

\*\* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre, bacharel e licenciado em História pela mesma instituição. Pesquisador associado ao Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ

## Introdução

Quando se observa o contexto do Ocidente imperial a partir do século IV E.C., quer se pense em termo de continuidades ou de rupturas (CARRIÉ, 2017; FRANCO JR., 2005, p. 233-42; SILVA, 2013, p. 73-91; WICKHAM, 2019), se nota ter sido este um período de profundas mudanças, inclusive no lugar das cidades. Considerando o período do “Baixo Império Romano”, Van Dam (2008, p. 349) observa que a “transformação da cidade clássica” é um dos grandes temas de crescente interesse historiográfico, e que ocorreu de maneira estreitamente correlacionada a outro processo que nos interessa neste artigo: a saber, a emergência dos bispos como autoridades públicas que, em larga medida, foram capazes de conservar sua importância mesmo após o ocaso do Império em sua parte ocidental.<sup>1</sup>

De fato, trata-se de um contexto em que a paisagem urbana passou por transformações ocasionadas pelo avanço da cristianização da topografia e por questões seculares como a organização de defesas, mudanças das práticas de patronato e de evergetismo (LOSEBY, 1996, p. 45). Este último ponto remete à alteração da posição das cidades na organização do Império, marcada pela perda de autonomia e pela erosão dos quadros das elites leigas que tradicionalmente as sustentavam – cujas atribuições cívicas foram, de alguma forma, assumidas por bispos (ACERBI, MARCOS, TORRES, 2016; CAMERON, 1993, p. 62-63; LEPELLEY, 1998, p. 17-33). Segundo Van Dam (2008, p. 349), a transformação das cidades e o fortalecimento dos bispos foram processos complementares: de um lado, a crescente oneração das cidades afastava suas elites de carreiras tradicionais na administração imperial, de outro, o patrocínio imperial tornava a carreira eclesiástica mais e mais atrativa a essas elites.

De toda a constelação de cidades do mundo romano, neste artigo, atentamos para o caso de Arles, localizada na Gália meridional. Sua fundação remete ao século VI a.E.C., quando teria sido criado um entreposto comercial de colonos gregos que, séculos depois, se tornaria a Arles romana: precisamente, *Colonia Iulia Paterna Arelate Sextanorum*, alcunha conferida por Júlio César no século I A.E.C. (SAINT-SAËNS, 1979, p. 10; HEIJMANS, 2020, p. 41). Tratava-se de uma cidade de considerável importância na Antiguidade e no início da Idade Média, pois seu porto fluvial às portas do Mediterrâneo a tornava um local de conexão para transporte de mercadorias para o resto da Gália e de comunicação com outras regiões (DELAGE, 1971, p. 16; LOSEBY, 1996, p. 46): era, em suma, uma “encruzilhada entre o Oriente, o Mediterrâneo e a Gália do Norte”, nas

---

<sup>1</sup> Processo que, embora não linear e cumulativo, se deu de forma ampla (HUMPHRIES, 2008).

palavras de Heijmans (2020, p. 41). Seu caso, portanto, ilustra bem a relação entre transformação urbana e poder episcopal, cuja topografia, nas palavras de Loseby (1996, p. 57), refletiu à transição do Império Romano ocidental de uma posição de confiança para uma situação de crise.<sup>2</sup>

Com as questões acima em mente, propomos reflexões iniciais sobre a relação entre espaço, poder episcopal e memória a partir da *Vita Caesarii* (ca. 549),<sup>3</sup> hagiografia dedicada a Cesário, cujo bispado (502-542) teve particular relevância na trajetória de Arles. Nesta análise, realizamos os seguintes questionamentos: que locais e monumentos são abordados na VC? Como são representados os diferentes espaços da cidade de Arles e de seus arredores? De que maneira a alusão a esses espaços dialoga com a trajetória de Cesário e com a tentativa de consolidação de seu legado por seus hagiógrafos? Ademais, levamos em consideração outros espaços mencionados na VC e sua eventual relação com a diocese.

Nesta investigação, nos beneficiamos do fato de que a trajetória de Arles até o período do bispado de Cesário é bem documentada tanto arqueológica quanto textualmente (LOSEBY, 1996, p. 45-46)<sup>4</sup> e, sobretudo no que diz respeito ao estudo do gênero hagiográfico, nos oferece a possibilidade de cotejar a VC às *vitae* dos bispos Honorato (427-430) e Hilário de Arles (ca. 430-449), aspecto fundamental na argumentação desenvolvida.<sup>5</sup>

Isto posto, iniciamos nossas considerações com um sucinto histórico da cidade, enfocando os séculos IV ao VI. Na sequência, procedemos à análise da VC, argumentando que a maneira como a espacialidade foi apresentada no relato se distingue das hagiografias de bispos precedentes de Arles, e esta diferença expressava uma mudança na forma como a diocese arlesiana se posicionava no campo político-religioso e uma tentativa de consolidação do protagonismo assumido por ela nos anos anteriores, que, no contexto de sua produção, enfrentava desafios.

---

<sup>2</sup> Isso se expressaria, por exemplo, em um uso crescentemente pragmático do espaço, contrastando com padrões mais antigos de edifícios e monumentos públicos.

<sup>3</sup> Dada a frequente alusão à documentação ao longo do artigo, optamos pelo uso de siglas para aludir às hagiografias estudadas: VC para *Vita Caesarii*, VHo pra *Vita Honorati* e VHi para *Vita Hilarii*, tal como é costumeiramente referenciado na historiografia.

<sup>4</sup> Guyon (2006, p. 90) sugere que Arles é mais bem documentada que a média e que provavelmente dispunha de mais monumentos cristãos que muitas outras cidades da Gália meridional, em virtude de seu maior poder econômico.

<sup>5</sup> O limite de espaço de um artigo e nosso objetivo centrado no bispado de Cesário implicam uma comparação assimétrica, procedimento que exige cuidado (KOCKA, 1999, p. 49), mas que tem a vantagem de viabilizar o uso da comparação para melhor caracterizar um caso específico – o que remete à “função descritiva” da comparação (KOCKA, 2003, p. 40).

## Arles entre os séculos IV e VI: trajetória político-eclesiástica (313-549)

### *“Pequena Roma da Gália” e proeminência no campo eclesiástico (313-475)*

Arles se destacou como porta de entrada do Mediterrâneo para o interior da Gália, o que lhe conferia importância econômica no Império Romano (HEIJMANS, 2020, p. 41; SAINT-SAËNS, 1979, p. 10).<sup>6</sup> A documentação literária de inícios do século IV sugere que a cidade se destacava das demais da região, sobretudo, por sua riqueza (HEIJMANS, 1999, p. 145), mas as evidências arqueológicas apresentam um cenário aparentemente menos opulento: isto leva Loseby (1996, p. 45-47) a sugerir que tais elogios fossem exagerados.<sup>7</sup>

Com apoio imperial em inícios do século IV, Arles despontava como a segunda cidade mais importante da Gália, atrás apenas de Trier, sede da Prefeitura do Pretório (HEIJMANS, 1999, p. 145). Além da citada importância econômica, assumiu maior centralidade na administração regional. Destaca-se, por volta de 313, a iniciativa de Constantino em instalar, na cidade, uma casa de cunhagem (HEIJMANS, 2020, p. 43; VILLEGAS MARIN, 2017, p. 307), além de ter residido nela em mais de uma ocasião (HEIJMANS, 1999, p. 145). Seu amparo teria se expressado também no âmbito eclesiástico, pelo convite para que Marino, bispo da cidade (ca. 313-314), participasse de um concílio em Roma, em 313, e pela organização de um concílio “imperial” em Arles, em 314, ainda que a presença do próprio Constantino neste seja debatida (HEIJMANS, 2013, p. 34; 2020 p. 43; LOSEBY, 1996, 50). Vê-se, portanto, uma importante associação de Arles a Constantino.<sup>8</sup>

Mesmo obtendo ganhos consideráveis de influência no século IV, Arles permaneceu mais proeminente em aspectos econômicos do que em termos de status político, sendo uma entre várias cidades da província *Viennensis*. A mudança em sua condição veio apenas entre 395 e 407, quando passou a sediar tanto a Prefeitura do Pretório das Gálias

---

<sup>6</sup> Heijmans (2013, p. 74-75) destaca o panegírico presente no decreto do imperador Honório, que estabeleceu em Arles o Conselho das Sete Províncias [das Gálias], ressaltando a fartura e variedade de seus produtos, oriundos de todo o mundo. Ademais, em fins do século IV, o poeta Ausônio também elogiou a fartura de suas mercadorias (LOSEBY, 1996, p. 47), alcunhando-a como “pequena Roma na Gália” (DELAGE, 1971, p. 17).

<sup>7</sup> Há indícios de convulsões na segunda metade do século III, em um quadro sistemático de incêndios e destruição em ambas as margens do rio Ródano, sem sinais de iniciativas de reocupação ou reconstrução ao longo do século IV. Assim, seu espaço *extramuros* se manteria perpassado por ruínas, apesar da presumível recuperação ocasionada pelo patrocínio de Constantino (LOSEBY, 1996, p. 47; HEIJMANS, 2020, p. 43).

<sup>8</sup> Loseby (1996, p. 50) observa que, a partir de 328, Arles recebeu o epíteto de *Constanti(n)a*, e que no século seguinte, em uma petição ao bispo de Roma em defesa da autoridade eclesiástica da diocese de Arles, dezenove bispos gálicos usaram a associação da cidade com Constantino como argumento.

quanto o Conselho das Sete Províncias das Gálias (DELAGE, 1971, p. 29; LOSEBY, 1996, p. 46, 52; HEIJMANS, 1999, p. 145).<sup>9</sup>

A despeito do ganho de poder político de Arles, as evidências arqueológicas não atestam um contexto de particular realização de grandes obras públicas.<sup>10</sup> Pelo contrário, o período apresenta um cenário de reaproveitamento de estruturas monumentais antigas, como, por exemplo, o circo, para a instalação de residências privadas (LOSEBY, 1996, p. 52), que pode ter sido ocasionada pelo rápido aumento populacional após o traslado da sede da Prefeitura (HEIJMANS, 2013, p. 74).<sup>11</sup> Heijmans (1999, p. 161) enfatiza que, embora particularmente visível em Arles, o processo de reaproveitamento de edifícios públicos seria mais amplo, caracterizado como uma “evolução em direção à cidade medieval”.

Em termos eclesiásticos, a cidade de Arles despontava como uma das maiores e mais antigas sedes do sudeste da Gália (DELAGE, 1971, p. 26-28), com os primeiros indícios da presença de cristãos na cidade em meados do século III – especificamente, uma epístola de Cipriano de Cartago ao bispo local, Marciano (m. 254-257) (HEIJMANS, 2020, p. 41). Embora incerta, outra referência à presença de cristãos no século III é a história de Trófimo, suposto primeiro bispo de Arles e um dos pioneiros missionários na região da Gália. Isso mostrou-se importante em séculos posteriores, pois sua lenda serviria de base para os reclames da diocese de Arles, no início do século V (MARCOS, 2013, p. 147).

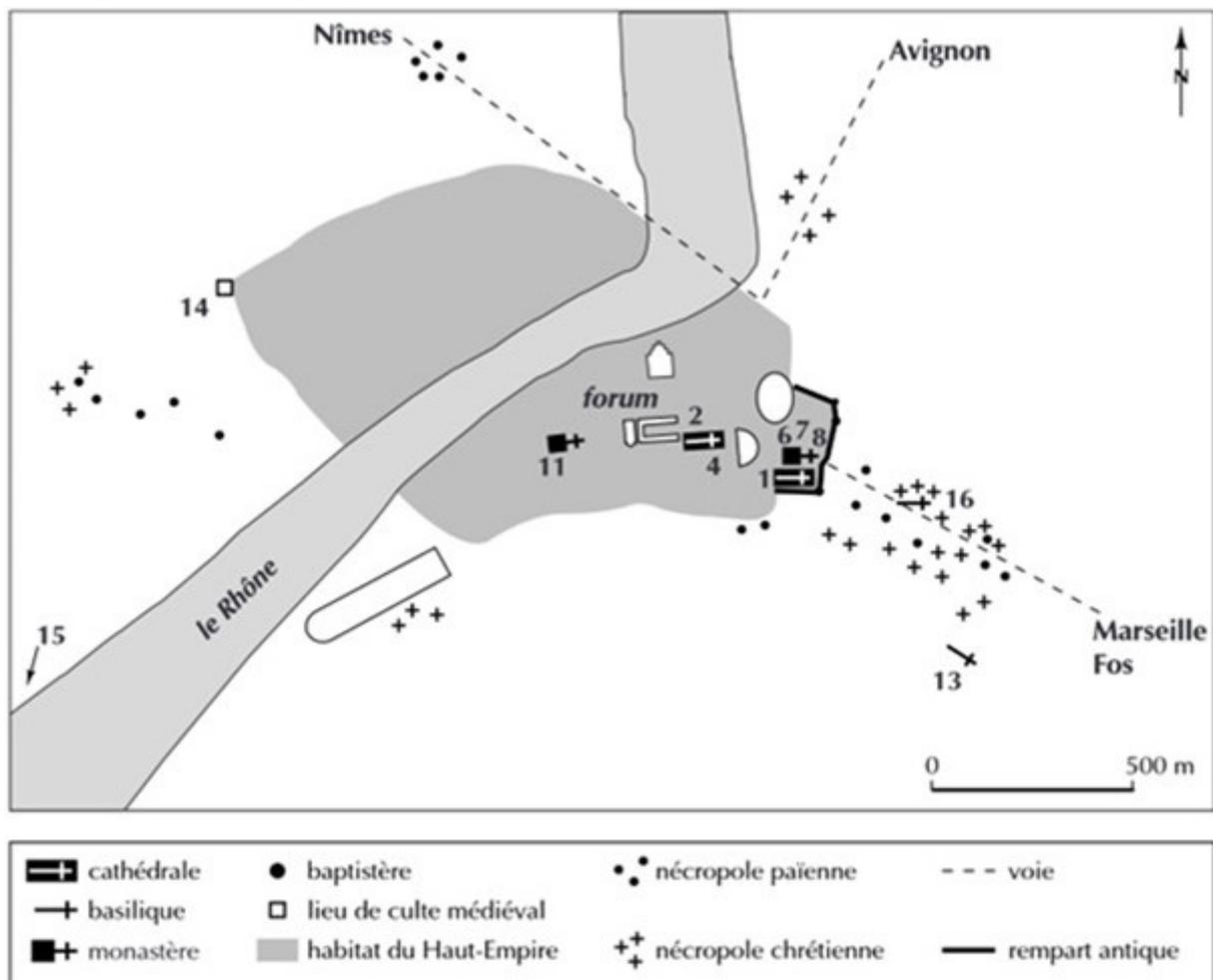
Embora seja difícil definir o tamanho e as características da comunidade de cristãos de Arles no período pré-Constantino, a difusão de sarcófagos de mármore desde inícios do século IV é vista por Heijmans (2020, p. 42) como indício de que havia cristãos entre as elites da cidade. Ainda que não observe uma profusão de grandes edifícios eclesiásticos no século IV, mesmo com o aparente suporte imperial, Loseby (1996, p. 60) sustenta que os cristãos tinham então assegurado ao menos um espaço privilegiado na cidade. Nesse sentido, destaca que as evidências mais seguras de cristianização se situam não no ambiente *intra muros*, mas sim nas periferias da cidade, em espaços associados ao mártir Genésio, como podemos ver na figura a seguir (LOSEBY, 1996, p. 58).

---

<sup>9</sup> É possível que a transferência da Prefeitura do Pretório tenha sido motivada por questões de estratégia militar e de segurança, tendo em vista as incursões de grupos “bárbaros” (HEIJMANS, 2013, p. 74), dentre os quais Mar Marcos (2013, p. 146) destaca os vândalos.

<sup>10</sup> Monumentos não-cristãos conhecidos da cidade incluem o fórum, as muralhas e um teatro construídos provavelmente no reinado de Augusto (século I a.E.C. ao século I E.C.), um anfiteatro de meados do século I, um circo construído no século II, e as supracitadas termas de Constantino, construídas em fins do século III ou no início do século IV (HEIJMANS, 2020, p. 41; 47).

<sup>11</sup> Isto não implica dizer que se tratasse de um cenário caótico, pois os monumentos públicos em questão continuavam funcionando e as moradias, dispostas de maneira ordenada e sem bloquear as entradas do circo, parecem ter contado com apoio oficial, e dialogavam com a já mencionada tendência do uso utilitário do espaço (LOSEBY, 1996, p. 54-57).

**Figura 1** - Topografia das estruturas cristãs de Arles na Primeira Idade Média

1. Conjunto episcopal primitivo; 2. Conjunto episcopal do século V; 4. Residência episcopal; 6-8. Mosteiro feminino de São João, São Pedro e Santa Cruz; 11. Mosteiro masculino fundado por Aureliano; 13. São Genésio nos Alyscamps; 14. São Genésio de Arles; 15. Mosteiro insular suburbano; 16. Basílica de São Pedro e São Paulo. Fonte: Desenho de S. Roucole (GUYON, 2006, p. 107).

A localização do complexo episcopal de Arles divergia do padrão observado em outras cidades gálicas, onde os conjuntos de edifícios eclesiásticos costumavam se localizar em regiões marginais, distantes dos centros monumentais tradicionais. Para Guyon (2006, p. 92-5), sua particularidade se deveu à transferência de seu grupo episcopal durante o século V, provavelmente na segunda metade deste século. Por certo, cabe reiterar que, apesar da proeminência crescente do cristianismo e do direcionamento de recursos às obras cristãs, a evolução da paisagem urbana entre os séculos IV e VI ocorreu ao lado de estruturas e edifícios não-cristãos que ainda funcionavam (LOSEBY, 1996, p. 60-63).

Um elemento importante deste complexo era o palácio episcopal que, no início do século VI, provavelmente se encontrava próximo aos muros e ao lado da chamada Basílica de São Estêvão, da qual era separado por um átrio. Estes locais seriam então ladeados por três edifícios fundados por Cesário: um hospital, o Mosteiro de São João e

a Igreja de Santa Maria, destinados às monjas. Juntos, constituiriam o que Delage (1971, p. 24) chamou de “um verdadeiro bairro eclesiástico”.

Quanto à posição da cidade no cenário eclesiástico da Gália, tratava-se, como dito, de uma das maiores dioceses da região (DELAGE, 1971, p. 26-28). Contudo, em termos eclesiásticos, até fins do século IV, esteve sujeita à autoridade metropolitana de Vienne, capital da província de *Viennensis*. Esse arranjo se deveu ao contexto em que a Igreja passou a contar com patrocínio imperial, processo marcado pela sobreposição entre a organização administrativa da Igreja e a do Império, cujas capitais de províncias civis se tornavam sedes metropolitanas (LOSEBY, 1996, p. 45; VAN DAM, 2008, p. 350). Com a referida transferência da Prefeitura do Pretório, foi demandado um status eclesiástico correspondente, o que iniciou uma disputa entre as sedes de Arles e Vienne. Assim, na primeira metade do século V, os bispos de Arles buscaram constituir uma autoridade suprametropolitana (DELAGE, 1971, p. 28-29).<sup>12</sup>

Tais pretensões avançaram significativamente durante o bispado de Pátroclo (412-426), que buscou exercer influência além da província de *Viennensis*, com o apoio do imperador Constâncio (m. 421) e do bispo romano Zózimo (417-418) (HEIJMANS, 2001, p. 7; VILLEGAS MARIN, 2017, p. 308). Em 417, este lhe conferiu o direito de ordenar bispos nas províncias de *Viennensis* e *Narbonnensis I e II*, o de emitir cartas de recomendação necessárias aos clérigos que quisessem ir a Roma, a jurisdição sobre duas dioceses antes sujeitas a Marselha e o papel de mediador de litígios eclesiásticos em toda a Gália (DELAGE, 1971, p. 32; SAINT-SAËNS, 1979, p. 14).<sup>13</sup>

Ainda assim, Pátroclo enfrentou resistências em sua tentativa de impor sua autoridade na região. A principal expressão disso foi seu conflito com Próculo, bispo de Marselha, que se recusou a acatar as ordens arlesianas e romanas (MATHISEN, 1989, p. 27-43; NATAL; WOOD, 2016, p. 52-53). Ademais, dado que a posição de Pátroclo era amparada por Constâncio, a morte deste, em 421, representou um abalo severo, ainda que preservasse o apoio de Gala Placídia, viúva de Constâncio (MARCOS, 2013, p. 151). Em 422, sofreu outro revés, já que Bonifácio, o novo bispo romano, suspendeu o apoio à diocese arlesiana e desconsiderou os poderes que lhe tinham sido conferidos por seu antecessor, Zózimo. No ano seguinte, uma nova “usurpação”, com o apoio de tropas

---

<sup>12</sup> Uma primeira tentativa de solucionar a querela foi o Concílio de Turin (398), que propôs a divisão da província entre as duas dioceses – o que não resolveu o problema, mas marcou um primeiro passo na reivindicação do status metropolitano da sede arlesiana (DELAGE, 1971, p. 28-32).

<sup>13</sup> Usando a supracitada lenda de São Trófito como argumento em sua decisão (MARCOS, 2013, p. 146-147). Embora Delage (1971, p. 32) afirme que este arranjo tornava Pátroclo um vigário de Roma na Gália, Villegas Marin (2017, p. 309, 317) sustenta que se trata de uma visão teológica e julga incorreto falar em vicariato no período anterior ao bispado de Cesário, no início do século seguinte.

amotinadas em Arles, fragilizou ainda mais a posição de Pátroclo, privado de seus contatos políticos (VILLEGAS MARIN, 2017, p. 315).<sup>14</sup>

Sua morte, em 426, marcou o início de uma nova etapa na trajetória da cidade, passando-se de uma autoridade amparada no apoio de agentes imperiais e da sede romana para uma baseada em uma rede regional de bispos organizada a partir do mosteiro de Lérins.<sup>15</sup> A diocese de Arles foi durante muitos anos dominada por bispos oriundos de Lérins, como nos casos de Heládio (426), Honorato (426-430) e Hilário (430-449) (HEIJMANS; PIETRI, 2009, p. 39). Este último se destacou por sua atuação política agressiva, amparado na “facção lerinense”<sup>16</sup> e em uma pretensa reforma disciplinar do clero (MATHISEN, 1989, p. 69-140; VILLEGAS MARIN, 2017, p. 316-317) para retomar a posição de Arles de autoridade suprametropolitana e impor bispos a diversas dioceses. Isso gerou resistências regionais e ocasionou um conflito com o bispo Leão de Roma, que lhe impôs sanções, tal como uma reprimenda do imperador Valentiniano III por meio do general Aécio (MATHISEN, 1989, p. 141-172; HEINZELMANN, 1992, p. 239-251). Após a morte de Hilário, a facção lerinense – e, conseqüentemente, Arles – perdeu gradualmente sua força no cenário político-eclésiástico do sul da Gália.<sup>17</sup>

#### *Novos soberanos e novas articulações (475-549)*

As incursões de grupos germânicos e o eventual colapso da administração romana na Gália repercutiram no contexto político e eclésiástico regional e na posição de Arles nele. No século V, Arles foi atacada muitas vezes, passando por quatro cercos

---

<sup>14</sup> Com a derrota do motim, em 425, Pátroclo pôde reaver seus poderes com a prerrogativa de julgar bispos “pelagianistas” na Gália. Entretanto, é incerto se foi efetivamente capaz de exercê-los, já que foi assassinado no ano seguinte (MARCOS, 2013, p. 151).

<sup>15</sup> Importante centro de formação intelectual e ascética localizado em um arquipélago próximo ao litoral mediterrâneo, Lérins foi a origem de diversos monges-bispos que dominaram o cenário político-eclésiástico do sul da Gália entre as décadas de 420 e 460 e manteve-se influente mesmo no século seguinte (GUYON, 2006, p. 102; HEIJMANS; PIETRI, 2009, p. 35-36; BAILEY, 2010, p. 109). Até inícios dos anos 460, ao menos doze monges tornaram-se bispos, tendo exercido um domínio prolongado sobre a diocese de Arles e outras do sudeste da Gália, além de algumas cidades mais ao norte. Uma vez ocupando o cargo de bispo, os lerinenses se destacaram na fundação de mosteiros, o que constituiu uma tendência que se manteve mesmo após o enfraquecimento da facção monástica-episcopal. A produção literária de bispos egressos, tal como de seus abades, foi uma forma de publicidade de sua experiência insular que colaborou para a influência que o mosteiro teve nos séculos V e VI (GUYON, 2006, p. 103; HEIJMANS; PIETRI, 2009, p. 53).

<sup>16</sup> Por meio de trocas epistolares e literárias, membros egressos de Lérins mantinham contato com o mosteiro e entre si, formando uma rede que favoreceu a projeção do mosteiro e de seu modo de vida, particularmente na primeira metade do século V, sob a liderança de Hilário (HEIJMANS; PIETRI, 2009, p. 40-41).

<sup>17</sup> Por outro lado, as relações entre Arles e Roma se amainariam sob seu sucessor, Ravênio de Arles (VILLEGAS MARIN, 2017, p. 317). Esse processo de desarticulação foi favorecido pela fragmentação territorial gerada tanto pelo assentamento de grupos germânicos na região (SILVA, 2018a, p. 22) quanto por mudanças nas demandas das comunidades locais – estas buscariam líderes com maior capacidade de articulação política com os novos senhores dos territórios (HEIJMANS; PIETRI, 2009, p. 48).

até ser conquistada por Eurico, rei dos visigodos, em 475 (SAINT-SAËNS, 1979, p. 10). Com isso, sofreu um abalo significativo em sua posição política: a Prefeitura do Pretório, motivo de grande prestígio, foi então extinta, e a casa de cunhagem ali instalada, em 313, parece ter deixado de funcionar. Não obstante, a cidade serviu de residência aos soberanos, vide o fato de Eurico ter morrido ali no ano de 484 (HEIJMANS, 1999, p. 145; HEIJMANS, 2013, p. 76).

As pretensões de primazia de seus bispos foram afetadas pela conquista visigótica do sul da Gália, já que a área de jurisdição da diocese ficou dividida entre os territórios dos reinos burgúndio e visigodo (KLINGSHIRN, 1994a, p. 70-71; BRESSAN, 2010, p. 12), o que a impedia de exercer seus poderes metropolitanos e favorecia a diocese rival de Vienne. Este cenário se manteve do último quarto do século V aos anos 520, no bispado de Cesário de Arles (502-542), que teve relevância na transformação da cidade e para o qual nos voltamos agora.

Segundo Delage (1971, p. 18), no início do século VI, Arles já passara de seu esplendor, mas permanecia com relevância econômica, e não mudara muito em relação ao período imperial, posto que seu auge ocorreu tardiamente. Cesário, após um período como monge em Lérins, estabeleceu-se em Arles no final do século V e ascendeu rapidamente na hierarquia eclesiástica local, graças ao patrocínio de seu antecessor e parente Eônio de Arles (485-502), que o indicou como sucessor antes de morrer.<sup>18</sup>

Em sua primeira década como bispo, Cesário foi por três vezes acusado de traição: numa primeira vez foi acusado de conluio com os burgúndios e teria acabado exilado em Bordeaux (VC, I, 21-22); na segunda, foi acusado de tentar entregar a cidade aos sitiantes durante o cerco de 507-508, que teria resultado em sua prisão e em planos para afogá-lo no Rio Ródano (VC, I, 29-31); e, na terceira vez (512), teria comparecido a Ravena, diante do rei ostrogodo (VC, I, 36) (DELAGE, 1994, p. 32). É possível que estas acusações fossem motivadas pela oposição a Cesário na comunidade de Arles, dada sua ascensão ao episcopado por indicação de Eônio e o regime ascético imposto ao clero (HEIJMANS, 2001, p. 12; KLINGSHIRN, 1994a, p. 93-94).<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Embora a VC (I, 12-14) apresente a eleição episcopal de Cesário como uma sucessão tranquila, o intervalo de meses entre a morte de Eônio e a nomeação de Cesário como bispo sugere que tenha sido um processo disputado – uma suspeita que é reforçada pela presença do nome de um *Johannes* entre Eônio e Cesário no mais antigo dos *fasti* episcopais de Arles, datado de ca. 900 (HEIJMANS, 2001, p. 11; KLINGSHIRN, 1994a, p. 85-86). Silva (2018a, p. 22) ressalta também a acusação de traição dirigida contra Cesário pouco tempo depois do início de seu bispado, a qual sugere um cenário de tensões com o clero local.

<sup>19</sup> Quanto ao pretenso exílio em Bordeaux, cabe observar a posição de Delaplace (2012, p. 315), que sugere a possibilidade de que se trate de uma ficção inventada por seus hagiógrafos de modo a maquiarm um deslocamento cujo intuito seria articular junto ao monarca visigodo Alarico II a organização do Concílio de Agde e a promulgação do Breviário de Alarico. O exílio na Itália também é visto com suspeição por Février (1994, p. 60-61), que vê no episódio uma visita de Cesário ao novo soberano de Arles.

A possível tentativa de Cesário em projetar a diocese de Arles por uma aliança com a monarquia visigótica foi interrompida pela derrota dos visigodos na batalha de Vouillé, em 507. Tropas de francos e burgúndios avançaram sobre a Gália meridional, sitiando a cidade no inverno de 507-508, liberada somente após intervenção de tropas ostrogodas, cujo monarca, Teodorico, alegava ter laços familiares com o herdeiro de Alarico II, falecido na batalha de Vouillé (KLINGSHIRN, 1994a, p. 106-110; BRESSAN, 2010, p. 33). Isso deu início ao período de dominação ostrogoda sobre Arles, correspondente à fase mais agressiva do bispado de Cesário, em um contexto central para a afirmação da diocese como um centro de poder regional.

O ponto inicial da virada da trajetória eclesiástica de Arles ocorreu na última acusação conhecida contra Cesário, que o levou à Itália. Cesário teria feito uso dos recursos da Igreja de Arles, ao vender propriedades eclesiásticas para financiar, dentre outros, a construção de um mosteiro feminino dedicado a São João.<sup>20</sup> Segundo Guyon (2006, p. 103), a fundação de tais mosteiros no contexto da Gália meridional impactava significativamente a topografia urbana, até mais do que a fundação de catedrais. Assim, Cesário agia no sentido de deixar sua marca visível em Arles. A passagem pela Itália, embora apresentada na VC como um exílio, representou um grande ganho de poder político por Cesário, que teria obtido o apoio do monarca Teodorico e do bispo Símaco de Roma, que reafirmou as prerrogativas especiais do bispo de Arles em relação ao resto das igrejas gálicas.<sup>21</sup>

No período de dominação ostrogoda sobre Arles, Cesário foi beneficiado também pela reconfiguração territorial da Gália causada pelos avanços militares ostrogodos. Quando, em 523, estes conquistaram as terras entre os rios Durance e Isère, o bispo de Arles pôde exercer influência em dioceses da província de *Viennensis*, que antes estavam fora de seu alcance, o que o levou a organizar, entre 524 e 529, uma série de concílios na região (HEIJMANS, 2001, p. 19-20; SILVA, 2018a, p. 24).<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Provável motivo pelo qual foi acusado e convocado a comparecer em Ravena, posto que a legislação ostrogoda proibia tais alienações (HEIJMANS, 2001, p. 18). Há que se considerar a provável insatisfação do clero local com a “dilapidação” do patrimônio eclesiástico, mobilizado inclusive para resgate de escravos. A ida a Roma, portanto, também pode estar relacionada à resolução deste embaraço.

<sup>21</sup> Embora a relação de cooperação entre os bispos de Arles e de Roma tivesse precedentes no século V, Villegas Marin (2017, p. 316) defende que o “vicariato apostólico” dos bispos de Arles remete mais propriamente ao período de atuação de Cesário – posição similar à de Loseby (1996, p. 65), que destaca que a formalização do cargo de vigário de Roma como um privilégio *ex officio* foi feita no bispado de Cesário, em articulação com Símaco.

<sup>22</sup> Apesar da importância de sua investida conciliar como forma de promover medidas conciliares e do apoio recebido da diocese romana, nota-se então uma gradual diminuição do apoio às pretensões do bispo de Arles, provavelmente motivada pela crescente interferência romana em assuntos eclesiásticos, possível fonte de tensão com os demais bispos da região (SILVA, 2018a, p. 24).

Dito isso, a última década do bispado de Cesário foi marcada por uma considerável perda de influência. Além da redução de sua base de apoio nas etapas finais de sua investida conciliar (SILVA, 2018b, p. 27, 31-32), pode-se destacar a instabilidade no reino ostrogodo após a morte do rei Teodorico (526), que levou à cessão dos territórios ao norte do Durance aos burgúndios, em 532 (KLINGSHIRN, 1994a, p. 244-245), e a eleição de bispos romanos que, sucessivamente, se afastaram da política de favorecimento de Arles. Por fim, a anexação da Gália meridional pelos francos, em 536, inseriu a cidade em um reino cujos soberanos eram mais propensos a interferir em assuntos eclesiásticos, e cujos centro de gravidade estava ao norte da Gália, onde Cesário tinha pouca influência (KLINGSHIRN, 1994a, p. 256-260).

A redução do apoio dos bispos de Roma refletia em parte uma mudança de prioridades da sede romana, que passou a se concentrar mais sobre assuntos eclesiásticos no Oriente e, em parte a mudança na posição política do próprio Cesário em sua região (SILVA, 2018a, p. 25).<sup>23</sup>

Ao cabo, a relação de Arles com Roma foi um fator central na constituição da autoridade supra-metropolitana de sua diocese.<sup>24</sup> Pátroclo e Hilário de Arles, por disporem de outras fontes de apoio político – respectivamente, Constâncio e a facção de Lérins –, foram capazes de agir com maior autonomia em relação à autoridade do bispo romano. Cesário, por sua vez, mostrou-se mais dependente do apoio romano para avançar suas pretensões regionais, mas teve a vantagem de ter obtido a formalização de sua condição de vigário de Roma, o que garantiu à diocese de Arles um ganho de influência que seria legado aos seus sucessores (DELAGE, 1971, p. 33; LOSEBY, 1996, p. 64-65).

Face à fragilização de sua posição no cenário eclesiástico da Gália, Cesário e seus aliados se articularam para assegurar a preservação da reputação do bispo de Arles, de suas medidas conciliares e pastorais e, sobretudo, da principal instituição fundada por ele: o mosteiro feminino de São João. Na sequência, investigamos a principal peça desse esforço de preservação do legado de Cesário – a *Vita Caesarii Arelatensis* – e examinamos a maneira como diferentes espaços foram associados à trajetória do bispo neste relato.

---

<sup>23</sup> Uma expressão da perda de apoio de Cesário junto à diocese romana foi a reversão, por Agapito de Roma, de uma condenação ao bispo Contumelioso de Riez anteriormente aprovada por seu predecessor João II de Roma. Contumelioso, ex-aliado de Cesário, teria sido afastado de seu cargo após ser acusado de desrespeitar disposições disciplinares (provavelmente relativas ao celibato), mas seu apelo por uma revisão de seu julgamento foi respondido favoravelmente por Agapito de Roma, que acabou por desautorizar Cesário (SILVA, 2018a, p. 25).

<sup>24</sup> Essa foi esboçada inicialmente no bispado de Pátroclo, e abalada em 422, quando Bonifácio de Roma desconsiderou as prerrogativas especiais do bispo de Arles (VILLEGAS MARIN, 2017, p. 315). Novamente, em 445, o conflito entre Hilário de Arles e Leão de Roma tensionou o próprio status metropolitano da diocese arlesiana (HEINZELMANN, 1992, p. 239-251), retomado no bispado de Cesário, que, em 514, foi feito vigário de Roma pelo bispo Símaco (SILVA, 2018a, p. 23).

### Espaço, memória e poder episcopal na *Vita Caesarii Arelatensis*

A *Vita Caesarii Arelatensis*, hagiografia de Cesário de Arles, foi escrita cerca de sete anos depois de sua morte, alegadamente a pedido de sua irmã, a abadessa Cesária, por cinco membros de seu círculo próximo de colaboradores: os bispos Cipriano de Toulon, Firmino de Uzés e Vivêncio (de sede desconhecida), o presbítero Messiano e o diácono Estéfano, os dois últimos identificados como clérigos que acompanharam Cesário desde a juventude (VC, I, 1). É seguro dizer que a promoção do monastério feminino de São João foi um dos principais intuitos da redação da *Vita*, propósito enunciado quando se diz que a obra permaneceria, em lugar de Cesário, em prol do monastério (VC, I, 1). Ademais, é plausível falar em outros objetivos, como a edificação das audiências, celebração do legado de Cesário, promoção de suas ideias de reforma, defesa de sua reputação e destaque da associação dos próprios hagiógrafos com a figura do "santo" (KLINGSHIRN, 1994b, p. 1, 4-5).

Quanto às *Vitae Honorati e Hilarii*, pontos de comparação para melhor discernir as especificidades da VC, a primeira teria sido redigida pelo próprio Hilário no aniversário da morte de Honorato, após tê-lo sucedido como bispo de Arles (VHo, 1). Ela visa a exaltar o mosteiro de Lérins (VHo, 15-22) e a associação entre o hagiógrafo e o hagiografado (VHo, 3, 23-24, 31, 36, 39). A segunda, por sua vez, é atribuída a Honorato de Marselha, um dos bispos sufragâneos de Hilário, e visava não apenas a exaltar a instituição lerinense (VHi, 7, 12), mas também defender a imagem de Hilário em relação ao supracitado conflito que teve com Leão de Roma (VHi, 21-22, 28).

Em termos de estrutura, a VC se divide em dois livros, sendo o primeiro redigido pelos três bispos supracitados e composto como uma narrativa de vida linear, e o segundo apresentado como uma compilação de testemunhos sobre os milagres e a vida cotidiana de Cesário. Trata-se de um texto dotado de um caráter panegírico e edificante: por isso, para analisá-lo é fundamental entender a diferença entre os contextos do hagiografado e de produção da hagiografia, sendo este último aquele que efetivamente se analisa (VELÁZQUEZ, 2005, p. 8-9; KREINER, 2014; OLIVEIRA, 2019, p. 58). Dito isto, a VC destaca-se pelo curto intervalo entre a morte do bispo e sua redação, pelo fato de seus redatores terem podido contar com relatos de "primeira mão", e pela possibilidade de confrontá-la com outras evidências: se trata, portanto, de um documento relevante para o estudo da trajetória de Cesário (KLINGSHIRN, 1994b, p. 5-6; DELAPLACE, 2012, p. 311).

Isto posto, nosso intento aqui não é proceder a um exercício de reconstrução biográfica, trabalho já realizado (cf. DELAGE, 1971; HEIJMANS, 2001; KLINGSHIRN, 1994b; DELAPLACE, 2012), mas examinar a maneira como a VC, como documento-monumento

(LE GOFF, 1996, p. 535-549), associou a trajetória de Cesário a diferentes espaços – consolidando, assim, novos monumentos.

Atentando às perguntas elencadas no início deste artigo, iniciemos nossa análise discriminando os locais abordados na *VC*. Ao todo, dos 113 capítulos que constituem seus dois livros, 71 contêm algum tipo de alusão a locais, tanto internos quanto externos à cidade, o que corresponde a 63,82% do total da obra. A importância conferida às demarcações espaciais nesta hagiografia é reforçada quando a comparamos com *VHo* e *VHi*, que, mesmo considerada sua menor dimensão, respectivamente com 39 e 33 capítulos, apresentam uma menor proporção de menções a locais (48,72% na *VHo* e 48,48% na *VHi*).

Quanto aos arredores de Arles, a *VC* menciona um mosteiro localizado em uma ilha suburbana (*VC*, I, 12-13), onde Cesário teria sido abade nos anos prévios à sua ascensão ao episcopado. Os outros lugares dos arredores são os túmulos nos quais Cesário teria se escondido ao saber de sua iminente consagração bispal (*inter quasdam sepulturas*, *VC*, I, 14) e um *ager suburbanus* do mosteiro de São João, em que teria realizado um milagre (*VC*, I, 48). Observa-se um maior volume de menções a tais espaços suburbanos na *VC* em relação às *VHo* (nenhuma menção) e *VHi* (29), embora feitas em termos mais genéricos do que na *VHi*, que menciona especificamente a basílica suburbana de São Genésio, onde teriam sido realizados os serviços funerários de Hilário.

A omissão de menção direta a essa basílica na *VC* pode ter relação com a valorização de outro espaço funerário fundado durante seu bispado: a Basílica de Santa Maria, apresentada como lugar estreitamente associado ao Mosteiro de São João e concebida como local de sepultamento para suas monjas (*VC*, I, 57). A associação da figura do hagiografado a este edifício é destacada em dois momentos da *VC*: primeiro, quando é dito que Cesária, a Velha, teria sido enterrada ao lado da sepultura destinada ao bispo (*VC*, I, 58), e depois, na narrativa do funeral de Cesário (*VC*, II, 50).

Por sua vez, a Basílica de São Estêvão, a principal da cidade, é mencionada em diversos momentos, que incluem relatos da atuação de Cesário neste espaço, seu uso como ponto de referência espacial, e de forma mais geral como cenário da narrativa hagiográfica. As primeiras duas menções (*VC*, I, 15; I, 19) referem-se à ação pastoral, sendo dito que ele determinou que o clero cantaria todos os dias, na basílica, os ofícios de Terças, Sextas e Nonas, e que instigava os leigos a cantar também.<sup>25</sup>

A menção à basílica aparece nos trechos que destacam Cesário como fundador, como o que aborda a criação de uma casa de enfermos próxima à basílica, onde poderiam

---

<sup>25</sup> No caso dos cantos, de modo que não tivessem tempo para fofocas. Destaca-se ainda sua decisão por trancar as portas da igreja em uma ocasião (*VC*, I, 27) e sua atuação como pregador na igreja (*VC*, I, 54) (que não necessariamente se limitam à basílica de São Estêvão, mas podem lhe ser associadas por tratar-se da principal basílica da cidade).

ouvir os cânticos que ali eram entoados (VC, I, 20), e o que trata da fundação do mosteiro de São João, construído “ao lado da igreja” (VC, I, 35). Estas passagens, portanto, associam o processo de significativa expansão edilícia cristã de Arles ao bispado de Cesário.

Quanto à inserção do espaço da basílica na narrativa em si, ela aparece em diversos momentos: ao abrigar cativos de guerra após o cerco de Arles;<sup>26</sup> como local de recepção do bispo em seu retorno da Itália, sendo palco de um milagre de cura nessa ocasião (VC, I, 43);<sup>27</sup> e para onde Cesário retornaria após sua última conversa com as monjas do monastério de São João, pouco antes de sua morte (VC, II, 47).

O menor destaque dado ao espaço da basílica na *VHo* e *VHi*<sup>28</sup> pode refletir a menor preocupação de seus hagiógrafos com demarcações espaciais em geral. Contudo, no caso das menções na *VC*, também é possível interpretá-las como um empenho em criar uma associação estreita entre Cesário e esse espaço central do grupo episcopal. Ademais, um ponto de comparação interessante é que, das três, a *VC* é a única hagiografia que não apresenta a basílica principal como espaço de condução do funeral do bispo, privilegiando em lugar disso a supracitada basílica de Santa Maria, diretamente associada com o monastério de São João, que, como veremos a seguir, desfruta de considerável destaque no relato.

Quanto às alusões à cidade de Arles, em geral, as menções na *VC* remetem a um espaço desde os primórdios dos anos 500, associado ao bispo.<sup>29</sup> Em contraste, a *VHo* limita-se ao relato da morte de Honorato, afirmando que este deixou, na cidade, os monges que lhe faziam companhia, e que estariam na raiz de um grupo monástico que não se dispersaria – e que incluiria o próprio Hilário (*VHo*, 33). A *VHi* (10), por sua vez, apenas narra a chegada alegre da comunidade à cidade de Arles, trazendo consigo Hilário, que consegue “capturá-lo” em meio à sua fuga.

<sup>26</sup> Momento em que seus ornamentos teriam sido arrancados para obtenção de recursos para a libertação deles (VC, I, 32) – o que é apontado pelos hagiógrafos como digno de elogio, e não de reprimenda (VC, I, 33).

<sup>27</sup> Sendo envolvida ainda outros três milagres de cura (VC, II, 14; II, 16; II, 29).

<sup>28</sup> A *VHo* menciona o espaço da igreja relacionado à narrativa da morte e do funeral de Honorato, sendo a igreja apontada como o local onde proferiu seu último sermão, que o teria exaurido e colaborado para sua morte (*VHo*, 29) e onde os fiéis teriam se reunido para seu funeral (*VHo*, 34-35). Quanto à *VHi*, esta faz duas menções ao espaço da igreja em questão, sendo uma delas um relato de exorcismo (*VHi*, 17) e outra a narrativa do funeral de Hilário, no qual seu corpo teria sido velado na Basílica de São Estêvão (*VHi*, 28).

<sup>29</sup> Assim, o primeiro livro da *VC* reconta o deslocamento de Cesário de Lérins para Arles, apresentada como local com médicos (VC, I, 7), e destaca a isenção que teria obtido para a igreja de Arles junto ao rei visigodo, então soberano (VC, I, 20); narra a chegada “apoteótica” de Cesário após seu exílio em Bordeaux, que teria até mesmo acabado miraculosamente com uma seca (VC, I, 26); ressalta a iniciativa de Cesário em estabelecer um mosteiro feminino na cidade, cujo primeiro edifício, ainda em construção, foi destruído durante o cerco de 508 (VC, I, 28); sobre o cerco à cidade, sustenta a ideia de que a presença de Cesário foi o que preservou a cidade de ser pilhada (VC, I, 34). Narra ainda outra chegada “triumfante” de Cesário de um pretense exílio (VC, I, 43) e a cidade como local hospitaleiro durante seu bispado, estando a residência episcopal sempre pronta a receber visitantes (VC, I, 62).

Vê-se que a menção à cidade de Arles aparece com maior frequência e ênfase na *VC*, e de forma mais variada. Na *VHo*, o hagiógrafo limita-se a apontar o grupo monástico que Honorato teria proporcionado à cidade, e a *VHi* destaca o retorno jubilante a Arles da comunidade após a “captura” de Hilário. Por sua vez, a *VC*, além de incluir relatos de “retorno triunfal”, tal como na *VHi* (*VC*, I, 26, *VC.*, I, 43), caracteriza também a cidade como um local com médicos (*VC*, I, 7) e notabilizado pela recepção de hóspedes (*VC*, I, 62), enfatiza o legado tributário deixado por Cesário (*VC*, I, 20) associa seu projeto de fundação de um mosteiro feminino diretamente à cidade (*VC*, I, 28) e apresenta o cerco de 508 (*VC*, I, 28; 34).

A residência episcopal (*domus ecclesiae*) se faz presente em ambos os livros da *VC*. No primeiro livro, ela é mencionada em meio à narrativa do cerco de 508, com o suposto aprisionamento de Cesário no palácio após ser retirado à força de sua residência (*VC*, I, 29), que teria sido ocupada por soldados visigóticos durante sua captura (*VC*, I, 30). Nessa ocasião, os hagiógrafos atribuem aos aposentos de Cesário um caráter sagrado, dizendo que um dos soldados visigóticos, ao tentar deitar-se na cama episcopal, foi morto por Deus (*VC*, I, 30). A residência episcopal também faz parte do cenário do imediato pós-cerco, quando a cidade estaria cheia de cativos de guerra abrigados nas igrejas e na *domus ecclesiae* (*VC*, I, 32).<sup>30</sup> Há ainda menção à residência de Cesário como um espaço de hospitalidade, recepção de clérigos e visitantes em geral, à exceção de mulheres, cuja presença na casa seria vetada (*VC*, I, 62). Já o segundo livro alude à residência de Cesário por seis vezes, apresentando-a como cenário de diversos milagres.<sup>31</sup>

Em contraste, a *VHo* não traz menções à residência episcopal, e a *VHi*, a apenas uma.<sup>32</sup> O maior enfoque dado ao espaço na *VC* pode ser reflexo de uma tentativa de valorização das medidas disciplinares presumidamente conduzidas em seu bispado, que teriam feito da residência um espaço de caráter parcialmente monástico (KLINGSHIRN, 1994a, p. 91-92).

Outra particularidade da *VC* é a alusão a espaços não-eclésiásticos, não mencionados nas *VHo* e *VHi*. O relato inclui os muros da cidade (*VC*, I, 29; 31), citados no episódio do

<sup>30</sup> A ênfase na ideia de que todos esses edifícios eclesiásticos teriam ficado lotados expressa o peso que os hagiógrafos buscam atribuir à libertação e proteção de cativos na trajetória de Cesário e reforça a importância dos edifícios cristãos na cidade. Por sua vez, a questão da libertação de cativos é novamente associada à residência de Cesário mais adiante, no livro I, quando é dito que Cesário doou uma veste pascal que buscou em sua cela para que ela fosse usada para a remissão de cativos (*VC*, I, 44).

<sup>31</sup> Se inicia por um elogio à sua rotina de orações na qual, segundo o hagiógrafo, o bispo parecia até mesmo falar com Deus (*VC*, II, 6). Narra, em seguida, uma oração que fez com que, após esgotados todos os suprimentos da igreja arlesiana, os reis burgúndios enviassem navios cheios de grãos (*VC*, II, 8); a cura milagrosa de uma mulher por meio de peças de roupa de Cesário (*VC*, II, 13); o exorcismo de uma menina (*VC*, II, 29); a cura milagrosa de um franco (*VC*, II, 42); e um milagre observado enquanto o corpo de Cesário estava na cela, quando uma lâmpada derrubada por uma escrava não teria quebrado ou apagado (*VC*, II, 44).

<sup>32</sup> Quando se fala de um clérigo que ocupava a cela ao lado da de Hilário e que se machucou gravemente em um acidente (*VHi*, 20).

cerco em 507-508; um palácio civil onde Cesário teria sido preso por suspeição de traição à cidade sitiada (VC, I, 30-31); e o fórum, um local tradicional das cidades tardo-antigas e que parecia então ativamente utilizado. Segundo a VC, no fórum teria sido reunida toda a comunidade arlesiana para ouvir a denúncia da suposta tentativa de traição judaica durante o cerco de 508 (VC, I, 31). Este mesmo espaço teria sido mobilizado na construção de sua santidade, já que é indicado como cenário de um dos relatos de milagre, em que o bispo teria exorcizado um homem enquanto caminhava pelo fórum (VC, II, 30).

Como dito, a promoção dos interesses do Monastério de São João é uma das principais motivações para a redação da VC. Assim, é curioso que este não seja o local de Arles mais mencionado no relato.<sup>33</sup> Isso corrobora a advertência de Klingshirn (1994b, p. 4-5), que destaca que os hagiógrafos possuíam objetivos e públicos mais amplos do que o mosteiro feminino; ademais, consideramos que os espaços mobilizados em sua narrativa dialogam com a maneira como o relato buscou representar a autoridade episcopal de Cesário.

No início da hagiografia, é enfatizada a ação de Cesário como fundador do monastério (VC, I, 1). Este projeto de fundação de uma instituição monástica feminina é destacado em outros trechos da VC, ladeado pelo desenrolar de seu próprio bispado.<sup>34</sup> Cabe destacar a forma como os hagiógrafos descrevem as propriedades fundiárias pertencentes ao mosteiro, como cenário de um milagre de expulsão de javalis selvagens (VC, I, 48), e local em cuja gestão Cesário se envolvia de algum modo.<sup>35</sup> A questão das propriedades é indiretamente abordada também no relato das últimas despedidas de Cesário, em que se destacam os arranjos feitos pelo bispo para garantir a perenidade da comunidade religiosa que fundou (VC, II, 47).<sup>36</sup> Assim, o papel de Cesário como seu protetor é apresentado nessa alusão a medidas concretas para o sustento material da

---

<sup>33</sup> Aparece em 11 de seus 113 capítulos, um número igual às menções à residência episcopal e inferior às alusões à Basílica de São Estêvão, catedral da cidade (13 capítulos).

<sup>34</sup> Primeiro, numa menção à vontade de Cesário em adornar a igreja arlesiana como um coro de virgens e à destruição do primeiro edifício destinado à comunidade durante o cerco de 507-508 (VC, I, 28), depois no relato da fundação propriamente dita, alguns anos após, de um novo edifício ao lado da basílica, onde seriam alocadas as virgens sob o comando de Cesária, irmã do bispo (VC, I, 35). Ainda em relação ao lugar de Cesário como fundador, destaca-se a construção da já mencionada Basílica de Santa Maria (VC, I, 57), estreitamente ligada ao monastério e concebida como local de enterro para as monjas e para o próprio Cesário (VC, I, 57-58; II, 48; 50).

<sup>35</sup> Como indicado no trecho em que teria recebido um mensageiro informando da situação de Libério, é dito que Cesário estaria então instalado numa propriedade do mosteiro, a fim de descansar e tratar de negócios (VC, II, 11), e isso apesar da alegação de que delegava a gestão das propriedades da igreja a clérigos menores (VC, I, 15), o que indica um possível envolvimento maior com as terras seu mosteiro.

<sup>36</sup> Esta iniciativa é destacada ainda em seu testamento (Cesário de Arles, *Testamentum*, 9), que cita nominalmente as propriedades cujos rendimentos eram plena ou parcialmente destinados ao sustento do monastério de São João, o que inclui petições a bispos de Roma pela aprovação de alienações de propriedades em prol do monastério (Ces., *Epistolae*, 7a, 2; 7b, 2; 18, 1-3) e pela confirmação de que a instituição seria imune a apropriações de futuros bispos de Arles (*Ep.*, 18, 2).

comunidade, e em um dos relatos de milagres (VC, II, 26), segundo o qual teria apagado um incêndio que estava prestes a consumir o edifício.

A atuação de Cesário como fundador de um mosteiro, como egresso de Lérins e abade nos arredores de Arles antes de sua consagração deve nos levar a refletir sobre as menções ao mosteiro lerinense na VC (I, 5, 7, 11 - 2,65% do conteúdo), comparativamente menos relevantes do que na VHo (15-17; 19-20; 22; 28; 36 - 20,51%) e na VHi (3; 7; 12; 9,09%). Observando-se a discrepância no espaço conferido a Lérins no conteúdo das *vitae*, pode-se inferir que este é um indicativo da mudança na forma como esses bispos buscaram exercer sua autoridade. Enquanto para Honorato e Hilário (e seus respectivos hagiógrafos) a facção lerinense ocupava um lugar mais central para o avanço de suas pretensões, no contexto de Cesário essa associação a Lérins perde espaço para outras alianças, notavelmente com Roma, e para uma preocupação mais ampla em destacar a amplitude da influência que exerceu durante seu bispado além de sua própria diocese.

Há ainda espaços mencionados nas hagiografias isolada ou genericamente, aqui agrupados como "outros locais". Trata-se de uma categoria pouco presente na hagiografia de Honorato (2 capítulos; 5,13%), mais visível na de Cesário (13 capítulos; 11,5%), e que predomina na *Vita Hilarii* (9 capítulos; 27,27%).

Na VC, os locais mencionados são, em sua maioria, espaços associados à igreja sob os cuidados de Cesário e residências de particulares.<sup>37</sup> Por sua vez, VHo menciona apenas um local genérico, que seria o túmulo de Honorato (VHo, 35-36). Já a VHi abunda em menções isoladas ou genéricas a lugares: tal como no caso da VC, em sua maioria vinculados a espaços cristãos.<sup>38</sup> O fato desta categoria ocupar uma parcela proporcionalmente maior da VHi do que da VC nos parece um indício de uma maior preocupação dos autores desta última em demarcar os espaços inseridos na narrativa, posto que a maior parte destas referências, embora isoladas, é apresentada de forma mais específica, especialmente situada no espaço arlesiano: o hospital encontra-se ao

<sup>37</sup> Assim, destaca-se a casa para enfermos fundada nas imediações da basílica (VC, I, 20); o Rio Ródano (onde os visigodos pretendiam afogar Cesário) (VC, I, 29-30); outras igrejas na cidade, usadas para abrigar cativos (VC, I, 32); uma "basílica dos apóstolos" (VC, II, 24); a casa de um notável chamado Partênio, onde trabalharia um escravo curado milagrosamente por Cesário (VC, I, 49). São mencionados ainda "monastérios e igrejas", locais cuidados por Cesário (VC, I, 62); a casa de um diácono chamado Pedro, cuja filha teria sido curada milagrosamente (VC, II, 2); um batistério (VC, II, 17); a casa de um homem chamado Vincêncio, que Cesário teria miraculosamente salvo de um incêndio (VC, II, 28); e fontes batismais abençoadas por Cesário durante uma procissão (VC, II, 35).

<sup>38</sup> A comunidade monástica introduzida por Hilário na cidade (VHi, 7; 10), onde ele teria passado seus últimos momentos (VHi, 27); um local desconhecido chamado *Castellum Alamanicum*, em cujas imediações Hilário teria recebido um sinal divino de confirmação de sua eleição episcopal (VHi, 9); mosteiros e templos indeterminados fundados por Hilário (VHi, 11); uma basílica cuja construção é mencionada em um relato de milagre (VHi, 20); uma "Basílica Constantia", onde Hilário teria humilhado publicamente o prefeito (VHi, 13); uma salina em que Hilário teria trabalhado (VHi, 15); e uma alusão um tanto deslocada, ao final da *vita*, a um local chamado *Campus Lapideus*, onde Hilário teria convertido todos os pastores (VHi, 32) – única possível referência, embora incerta, a uma atuação de Hilário junto à sua rede paroquial.

lado da igreja, as casas de particulares são associadas a nomes (VC, I, 49; II, 2; 28), e as fontes batismais são apresentadas no âmbito de uma procissão específica (VC, II, 35). Isto reforça a supracitada hipótese de uma tentativa dos hagiógrafos em associar mais diretamente a imagem de Cesário a diferentes espaços da cidade.

Outro dado relevante que difere a VC das demais é a menção direta, em mais de uma ocasião, a propriedades da Igreja de Arles. Na VHo e na VHi não há alusão a propriedades fundiárias (*agri*), havendo apenas menção à riqueza material da Igreja de forma geral<sup>39</sup> ou aos ornamentos vendidos para angariar recursos para a libertação de cativos (VHi, 11) – sendo este último ponto presente também na *Vita Caesarii* (I, 32).

Como citado, a VC sugere que o bispo deixou a administração das terras eclesiásticas a gestores e diáconos, de modo a dedicar-se completamente “à palavra de Deus, à meditação e à pregação constante” (VC, I, 15).<sup>40</sup> Apesar disso, em três momentos da *vita*, Cesário é representado atuando em *agri* da igreja arlesiana: embora o relato contido no primeiro livro sobre um milagre de Cesário num *ager* do monastério de São João não especifique se o bispo estava presente no local ou se os suplicantes se deslocaram até ele (VC, I, 48), os dois relatos contidos no livro II sugerem sua presença física nesses espaços.<sup>41</sup>

A atuação do bispo em sua rede paroquial é outro ponto que distingue a VC das precedentes. Na VHo não há menção alguma a paróquias, enquanto na VHi há um único trecho que alude a uma possível paróquia onde Hilário teria atuado, convertendo os pastores nas imediações do *Campus Lapideus* (VHi, 32). Já na VC, há diversas menções à atuação de Cesário em sua rede paroquial, com todas elas envolvendo de alguma forma narrativas de milagres.<sup>42</sup> Sustentamos que esta atenção à atuação de Cesário junto a suas paróquias dialoga diretamente com a maneira como este foi retratado, buscando promover sua autoridade por meio de medidas disciplinares e pastorais que davam

<sup>39</sup> Que teria diminuído no bispado de Honorato (VHo, 28).

<sup>40</sup> No original: “*et totum se verbo dei et lectioni, inquietis etiam praedicationibus mancipavit*”.

<sup>41</sup> Em um caso, é pouco claro se estaria apenas de passagem ou se estava instalado em uma propriedade da igreja arlesiana quando foi chamado a viajar para outra *ecclesia* (VC, II, 22). No outro, no entanto, como já mencionado, é dito que Cesário se instalou numa propriedade do monastério de São João, onde buscava colocar ordem em determinados assuntos e tratar de negócios (VC, II, 11).

<sup>42</sup> No primeiro livro, há apenas uma menção a uma paróquia em que se encontrava a *villa* de Launico, onde Cesário teria se hospedado e onde posteriormente teria ocorrido a punição milagrosa de um médico que teria deitado com uma prostituta na cama onde o bispo dormira (VC, I, 50). As demais menções se encontram no segundo livro. A paróquia de *Arnaginis* é mencionada no episódio da cura do notável Libério, que teria sido gravemente ferido (VC, II, 10-11). Um milagre de cura é relatado na paróquia de Luco (VC, II, 18-19), com indicação de que o episódio se deu em um momento no qual Cesário estava percorrendo diferentes paróquias (*per parrochias ambulabant*) (VC, II, 19). A parte isto, a *vita* narra a pregação de Cesário em paróquias, um exorcismo em uma paróquia não-nomeada (VC, II, 20), outro na paróquia *Citaristana* (VC, II, 21), e mais um na paróquia de *Succentriones*, este último por meio de um cajado esquecido por Cesário (VC, II, 22).

destaque à rede paroquial, projeto expresso em seus sermões (Ces., *Serm.*, 1, 2) e em sua atuação conciliar (SILVA, 2018b).

Por fim, destacamos os trechos relativos a viagens e outras cidades, presente em todas as três hagiografias, mas, mais destacada nas de Cesário (22 capítulos, 19,47%) e Honorato (8 capítulos, 20,51%) do que na de Hilário (3 capítulos, 9,09%). A *VHi* dá pouca ênfase a deslocamentos e viagens de Hilário e sua ligação com outras cidades. As únicas outras cidades mencionadas são a não-nomeada cidade natal de Hilário (*VHi*, 3) e a de Roma, onde Hilário teria ido pessoalmente e enviado emissários na tentativa de contornar seu conflito com Leão de Roma (*VHi*, 21-22). Já a *VHo* é repleta de relatos de deslocamentos e viagens, mas nenhum deles refere-se ao período em que Honorato foi bispo de Arles.<sup>43</sup> Trata-se de deslocamentos correlatos à construção da figura de asceta, tal como a de Hilário. Este “carisma monástico” seria o elemento ressaltado pelo hagiógrafo, e não sua associação com outras cidades e regiões.

Nisto, a hagiografia de Cesário mostra-se bem diferente das de seus antecessores. Destarte, na *VC* (I, 3) é mencionada a cidade natal de Cesário (*Cabillonum*, atual Chalon-sur-Saône), o que destoa da opção dos autores da *VHo* e da *VHi* em omitir as origens dos hagiografados. Seguem-se deslocamentos de *Cabillonum* para Lérins (*VC*, I, 5), de Lérins para Arles (*VC*, I, 7), e desta para Bordeaux, no episódio do primeiro exílio de Cesário (*VC*, I, 21). Outras cidades abordadas na narrativa, pela ordem, são Marseille, para onde a irmã de Cesário teria sido enviada antes da construção do mosteiro de São João (*VC*, I, 35), e onde ele teria posteriormente realizado um milagre de cura (*VC*, II, 25), e Ravena, onde supostamente teria sido levado para responder a acusações, notabilizando-se por milagres, atos de caridade e de libertação de escravos (*VC*, I, 36-7; 39-41). Ademais, se cita Orange, que supostamente tinha tido toda sua população escravizada (*VC*, I, 38); Roma, onde teria chegado sua reputação como homem santo (*VC*, I, 38), motivando sua visita à cidade e seu acolhimento pelo bispo romano e por senadores (*VC*, I, 42); e Valence, onde teria sido realizado um concílio contestando a ortodoxia de Cesário (*VC*, I, 60).<sup>44</sup>

A citada questão da libertação de prisioneiros de guerra também se vincula aos deslocamentos de Cesário e permite inferências sobre a relação entre a trajetória

---

<sup>43</sup> São mencionadas a cidade natal também não-identificada (*VHo*, 9), que Honorato e seu irmão teriam decidido abandonar (*VHo*, 11-12); a cidade de Marselha, onde teriam se instalado, mas subsequentemente fugido a fim de não ser recrutados pelo bispo local (*VHo*, 13); a região grega da Acaia e a cidade de Mothona (*VHo*, 14); o retorno ao Ocidente passando pela Toscana (na Itália) e regressando à Gália, à ilha de Lérins (*VHo*, 15); e, por fim, a ida de volta à terra natal para converter Hilário e o retorno para Lérins após o sucesso da empreitada (*VHi*, 23-24).

<sup>44</sup> Também é mencionado o *castrum de Ugernum* (Beaucaire), onde os visigodos supostamente pretendiam prender Cesário (*VC*, I, 29). Outras regiões são abordadas de maneira menos específica, havendo duas alusões a passagens pela região de Alpilles, ambos relatos de milagre (*VC*, I, 47; II, 27) e uma menção genérica a um homem vindo do norte da Gália (*ex Galliis*) (*VC*, II, 23).

episcopal de Cesário e a maneira como seus deslocamentos são abordados na hagiografia. Primeiro, sobre o relato de sua passagem pela Península Itálica, é dito que ele buscou libertar cativos oriundos de cidades situadas ao norte do rio Durance – ou seja, cujas dioceses se encontravam além de seu efetivo alcance antes de 523 –, com destaque para a cidade de Orange (VC, I, 38). Depois, logo após seu retorno da Itália, é dito que Cesário teria viajado a Carcassone (*Carcasona*) para libertar outros cativos, e que teria enviado abades, diáconos e clérigos para fazer o mesmo em outros lugares (VC, I, 44). Estas passagens expressam o interesse dos hagiógrafos de Cesário em demarcar a amplitude de sua influência, tanto no âmbito de sua própria província eclesiástica – destacando seu patrocínio sobre as dioceses sufragantes ao norte, disputadas com Vienne –, quanto em caráter supra-provincial, já que Carcassone fazia parte da província *Narbonensis I* (KLINGSHIRN, 1985, p. 194), uma das que teriam sido colocadas sob a jurisdição do bispo de Arles, na condição de vigário de Roma.<sup>45</sup>

Assim, a frequente menção aos deslocamentos de Cesário dialoga com a construção de sua autoridade episcopal. Dessa forma, se cria uma alternativa às acusações de traição que marcaram o início de seu bispado, se ressalta o acréscimo de autoridade resultante de sua viagem à Itália, se dá destaque à libertação de prisioneiros, oriundos de dioceses sobre as quais Cesário lutava para fazer valer sua autoridade em outra província (*Narbonensis I*) e se destaca a importância das coleções de sermões de Cesário, uma forma de estender sua influência até mesmo em regiões nas quais ele próprio não circulava.

Em suma, nesta análise, constatamos uma estreita correlação entre as alusões a espaços na VC e a tentativa de consolidação da influência exercida em seu bispado. A maior incidência de menções aos arredores de Arles reflete a tendência mais geral do relato em investir em demarcações espaciais de modo a associar a imagem de Cesário a espaços da cidade e fora dela, tal como ocorre com as alusões à Basílica de São Estêvão, à cidade de Arles e a seus espaços não-eclesiásticos.<sup>46</sup> À parte isto, as diversas referências às instituições fundadas por Cesário, o Mosteiro de São João e sua Basílica de Santa Maria, expressam a já esperada preocupação com a promoção dos interesses do mosteiro feminino, mas o fato de este último ser tão mencionado quanto a residência episcopal é indicativo de seu perfil de autoridade episcopal – neste caso, a incorporação de preceitos monásticos em seu palácio.

---

<sup>45</sup> Indiretamente, esta imagem de uma influência alargada aparece também no destaque à difusão de suas coleções de sermões para outras regiões (*in Frantia, in Gallias, atque in Italia, in Hispania, diversisque provinciis constitutis transmisit per sacerdotes*) (VC, I, 55).

<sup>46</sup> Pela via inversa, a menor incidência de trechos na categoria “outros locais” e a maior especificidade dos lugares aludidos, em comparação com a *VHi*, indica essa mesma tendência.

As menções à propriedades da igreja de Arles, ausente nas demais *vitae* analisadas, também reforçam a defesa dos interesses do monastério. Por sua vez, as escassas menções ao Mosteiro de Lérins apontam para uma mudança significativa na forma como foi representada sua autoridade, em contraste com os antecessores Honorato e Hilário: trata-se de um afastamento em relação ao modelo da “facção lerinense” e um estreitamento de laços com Roma e com monarquias, notadamente a ostrogoda. Outra indicação do interesse em destacar as características do bispo é a atenção dada às suas visitas a paróquias, que dialoga com parte de suas ações pastorais. Por fim, o que mais claramente demonstra o empenho em retratar o protagonismo assumido por Arles no bispado de Cesário são as menções a viagens e a outras cidades, que traça relações entre o hagiografado e outras dioceses, incluindo o destaque para seu patrocínio sobre dioceses ao norte do Durance e outras além de sua própria província.

Ao cabo, a maior ênfase na associação do bispo a espaços de Arles na VC tem a ver com uma tentativa de relacionar o bispo diretamente a esses espaços, constituindo-os como monumentos de sua memória, tendo em vista que ele deixava um legado sob forma de monastério, mas em alguma medida também na própria comunidade monástica organizada em sua residência episcopal, além de outros edifícios mencionados. Associar a imagem de Cesário à residência episcopal seria uma forma de reforçar sua associação com o espaço, o que poderia perenizar sua influência e seu modelo de monge-bispo, mesmo depois da morte. Os relatos dos seus antecessores não têm o mesmo enfoque espacial por não haver a mesma preocupação com a manutenção de uma instituição que continuasse liderada por membros de sua família, além de não apresentar a mesma preocupação em mapear zonas de influência político-eclesiástica que teriam conquistado recentemente – como ocorrido no bispado de Cesário –, optando, em lugar disso, por enfatizar o carisma ascético do grupo lerinense. Isso nos leva a constatar que, por mais que sejam ressaltados paralelos com as hagiografias de seus antecessores (KLINGSHIRN, 1994a, p. 20; 1994b, p. 5-6), a VC, naquilo que se refere à caracterização da autoridade do bispo em relação à cidade, diverge dos modelos que a antecederam.

## Conclusão

No âmbito dos estudos tardo-antigos, acompanhando a renovação das análises demográficas e culturais, bem como das interpretações arqueológicas e demográficas, se destaca um revigorado interesse historiográfico acerca das cidades e de suas mudanças entre os séculos III e VII. Nisto, reconhece-se nos espaços urbanos um foco privilegiado

para pensar as transformações que transcorreram neste contexto de passagem, sem marco definido, entre “Antiguidade” e “Idade Média”.

Neste artigo, apresentamos uma leitura inicial da relação entre as transformações sofridas pelas cidades no período a partir do século IV e o processo de fortalecimento do poder episcopal, elencando a cidade de Arles como estudo de caso. Sobre sua trajetória, destacamos sua centralidade econômica, seu consequente ganho de poder político ao longo do século IV, as investidas de seus bispos no sentido de reivindicar uma autoridade supra-metropolitana na região e a sua projeção no bispado de Cesário de Arles. Neste caso, nos debruçamos sobre sua hagiografia para investigar a maneira como nela são explorados os diferentes espaços da cidade de Arles e de outras regiões, atentos às possíveis relações entre essas alusões e a consolidação de seu poder episcopal, tal como à comparação entre a *vita* e relatos de bispos precedentes.

Os resultados obtidos permitem sustentar o argumento de que, além de promover os interesses da instituição monástica fundada por Cesário, a VC visava a mapear a amplitude de suas zonas de influência como bispo metropolitano e vigário de Roma, além de delinear uma série de associações entre sua imagem e diferentes espaços da cidade e de seus entornos, com vistas à exaltação de seus projetos de reforma e de seu modelo de autoridade episcopal.

Assim, ressaltamos a constatação de que a VC tem a particularidade de mencionar a atuação do bispo em propriedades fundiárias da sé de Arles, ainda que isto contrariasse o ideal de bispo que delega assuntos mundanos a outros gestores. Ao cabo, julgamos que a reduzida atenção dada à associação com o Mosteiro de Lérins, em contraste com outras características do bispo – como sua atuação pastoral junto a paróquias e suas viagens e relações diplomáticas –, expressa um afastamento em relação ao modelo de autoridade do “monge-bispo lerinense” para um poder atrelado, por um lado, às relações diplomáticas com Roma e com monarquias, e, por outro, ao fomento da memória do bispo em monumentos atrelados à cidade.

## Referências

### Documentação textual

CAESARIUS OF ARLES. Letters. In: CAESARIUS OF ARLES. *Life, testament, letters*. Edited by William Klingshirn. Liverpool: Liverpool University, 1994, p. 77-139.

CAESARIUS OF ARLES. *Sermons*. Edited by Mary M. Mueller. Washington: Catholic University of America, 1964.

- CAESARIUS OF ARLES. Testament. In: CAESARIUS OF ARLES. *Life, testament, letters*. Edited by William Klingshirn. Liverpool: Liverpool University, 1994, p. 71-76.
- CYPRIAN OF TOULON *et al.* Vita Caesarii. In: CAESARIUS OF ARLES. *The life, testament and letters of Caesarius of Arles*. Edited by William Klingshirn. Liverpool: Liverpool University, 1994, p. 9-65.
- CYPRIANUS TOLONENSIS. Vita Sancti Caesarii ab eius familiaribus scripta. In: SANCTI CAESARII EPISCOPI ARELATENSIS OPERA OMNIA: opera varia. Édité par Germain Morin. Paris: Maretioli, 1942, p. 291-345.
- HILAIRE D'ARLES. Sermo Sancti Hilarii de Vita Sancti Honorati. In: VIE DE SAINT HONORAT. Édité par Marie-Denise Valentin. Paris: Du Cerf, 1977, p. 68-179.
- HONORE DE MARSEILLE. Vita Sancti Hilarii Episcopi Arelatensis. In: LA VIE D'HILAIRE D'ARLES. Édité par Paul-André Jacob. Paris: Du Cerf, 1995, p. 88-167.

### Obras de apoio

- ACERBI, S.; MARCOS, M.; TORRES, J. (ed.). *El obispo en la Antigüedad Tardía: homenaje a Ramón Teja*. Madri: Trotta, 2016.
- BAILEY, L. *Christianity's quiet success: the Eusebius Gallicanus sermon collection and the power of the Church in late antique Gaul*. Notre Dame: University of Notre Dame, 2010.
- BRESSAN, N. *Identità cristiana, anti-giudaismo e presenza ebraica nei sermoni di Cesario di Arles*. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Università di Padova/Ca' Foscari de Venezia, Pádua, 2010.
- CAMERON, A. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. London: Routledge, 1993.
- CARRIÉ, J. M. The historical path of "Late Antiquity": from transformation to rupture. In: TESTA, R. L. (ed.). *Late Antiquity in contemporary debate*. Cambridge: Cambridge Scholars, 2017, p. 174-214.
- DELAGE, M.-J. Cité et diocèse d'Arles. In: CESAIRE D'ARLES. *Sermons au peuple: sermons* 1-20. Paris: Du Cerf, 1971, p. 13-36. t. 1.
- DELAGE, M.-J. Un évêque au temps des invasions. In: BERTRAND, D. *et al.* *Césaire d'Arles et la christianisation de la Provence: actes des Journées Césaire*. Paris: Du Cerf, 1994, p. 21-44.
- DELAPLACE, C. Pour une relecture de la *Vita Caesarii*: le rôle politique de l'évêque d'Arles face aux représentants des royaumes burgonde, wisigothique et ostrogothique. *Annales du Midi*, v. 124, n. 279, p. 309-324, 2012.

- FÉVRIER, P.-A. Césaire et la Gaule Méridionale au VI<sup>e</sup> siècle. In: BERTRAND, D. *et al.* *Césaire d'Arles et la Christianisation de la Provence: actes des Journées Césaire*. Paris: Du Cerf, 1994, p. 45-73.
- FRANCO JR., H. Antiguidade Tardia ou Primeira Idade Média? In: ANDRADE FILHO, R. de O. (org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média*. Santana do Parnaíba: Solis, 2005, p. 233-242.
- GUYON, J. Émergence et affirmation d'une topographie chrétienne dans les villes de la Gaule méridionale. *Gallia*, v. 63, n. 1, p. 85-110, 2006.
- HEIJMANS, M. Arles, été 314, profil d'une cité épiscopale. In: *Concile d'Arles: première assemblée des évêques de l'Église naissante d'Occident*. Arles: Académie d'Arles, 2020, p. 41-50. v. 2.
- HEIJMANS, M. Arles, résidence impériale sous Constantin. In: GUYON, J.; HEIJMANS, M. (org.). *L'Antiquité Tardive en Provence (IV<sup>e</sup>-VI<sup>e</sup> siècle): naissance d'une chrétienté*. Arles: Aux Sources Chrétiennes de la Provence, 2013, p. 34.
- HEIJMANS, M. Césaire d'Arles, un évêque et sa ville. *Revue d'Histoire de l'Eglise de France*, v. 87, n. 1, p. 5-25, 2001.
- HEIJMANS, M. La topographie de la ville d'Arles durant l'Antiquité Tardive. *Journal of Roman Archaeology*, v. 12, p. 142-167, 1999.
- HEIJMANS, M. Les suffragants de Césaire d'Arles (502-542): un jeu de chaises épiscopales. *Provence Historique*, v. 61, n. 243-244, 2011.
- HEIJMANS, M. Une aubaine ambiguë pour Arles, qui devient capitale des Gaules. In: GUYON, J.; HEIJMANS, M. (éd.). *L'Antiquité Tardive en Provence (IV<sup>e</sup>-VI<sup>e</sup> siècle): naissance d'une chrétienté*. Arles: Aux Sources Chrétiennes de la Provence, 2013, p. 74-76.
- HEIJMANS, M.; PIETRI, L. Le lobby lérinien : le rayonnement du monastère insulaire du Ve siècle au début du VII<sup>e</sup> siècle. In: CODOU, Y; LAUWERS, M. (éd.). *Lérins, une île sainte de l'Antiquité au Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, 2009, p. 35-61.
- HEINZELMANN, M. The 'affair' of Hilary of Arles (445) and Gallo-Roman identity in the fifth century. In: DRINKWATER, J.; ELTON, H. (ed.). *Fifth-century Gaul: a crisis of identity?* Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 239-251.
- HUMPHRIES, M. The West (1): Italy, Gaul, and Spain. In: HARVEY, S., HUNTER, D. (ed.). *The Oxford Handbook of Early Christian Studies*. Oxford: Oxford University, 2008, p. 283-302.
- KLINGSHIRN, W. E. *Caesarius of Arles: the making of a Christian community in Late Antique Gaul*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994a.

- KLINGSHIRN, W. E. Charity and power: Caesarius of Arles and the ransoming of captives in sub-Roman Gaul. *Journal of Roman Studies*, v. 75, p. 183-203, 1985.
- KLINGSHIRN, W. E. The life of Caesarius: introduction. In: CAESARIUS OF ARLES. *Life, testament, letters*. Liverpool: Liverpool University, 1994b, p. 1-8.
- KOCKA, J. Comparison and beyond. *History and theory*, v. 42, p. 39-44, 2003.
- KOCKA, J. Asymmetrical historical comparison: the case of the German Sonderweg. *History and Theory*, v. 38, n. 1, p. 40-50, 1999.
- KREINER, J. *The social life of hagiography in the Merovingian Kingdom*. New York: Cambridge University Press, 2014.
- GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEPELLEY, C. Le patronat épiscopal aux IV<sup>e</sup> et V<sup>e</sup> siècles: continuités et ruptures avec le patronat classique. In: REBILLARD, É.; SOTINEL, C. (éd.). *L'Évêque dans la cité du IV<sup>e</sup> au V<sup>e</sup> siècle: image et autorité*. Roma: École Française de Rome, 1998, p. 17-33.
- LOSEBY, S. T. Arles in Late Antiquity: Gallula Roma Areias and Urbs Genesisii. In: CHRISTIE, N.; LOSEBY, S. T. (ed.). *Towns in transition: urban evolution in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Aldershot: Scolar, 1996, p. 45-70.
- MARCOS, M. Papal authority, local autonomy and imperial control: pope Zozimus and the Western Churches (a. 417-18). In: FEAR, A.; FERNÁNDEZ UBIÑA, J.; MARCOS, M. *The role of the bishop in Late Antiquity: conflict and compromise*. London: Bloomsbury, 2013, p. 145-166.
- MATHISEN, R. W. *Ecclesiastical factionalism and religious controversy in fifth century Gaul*. Washington: Catholic University of America, 1989.
- NATAL, D., WOOD, J. Playing with fire: conflicting bishops in late Roman Spain and Gaul. In: COOPER, K.; LEYSER, C. (ed.). *Making Early Medieval societies: conflict and belonging in the Latin West: 300-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 33-57.
- OLIVEIRA, C. M. de. *O discurso eclesiástico sobre a conversão e o paganismo na tradição hagiográfica hiberno-latina: um estudo comparado da Collectanea e da Vita Columbae (século VII)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- SAINT-SAËNS, A. *Césaire d'Arles et les Juifs: contribution à l'Histoire des rapports Judéo-chrétiens au VI<sup>e</sup>me siècle*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Estrasburgo, Estrasburgo, 1979.
- SILVA, P. D. Episcopado ocidental e a sede romana na Primeira Idade Média: o caso de Arles (417-513). *Brathair*, v. 18, n. 2, p. 19-30, 2018a.

- SILVA, P. D. O debate historiográfico sobre a passagem da Antiguidade à Idade Média: considerações sobre as noções de Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média. *Signum*, v. 14, n. 1, p. 73-91, 2013.
- SILVA, P. D. Secundum statuta canonum: poder e memória nos concílios do sul da Gália (524-529). *OP SIS*, v. 18, n. 1, p. 21-43, 2018b.
- VAN DAM, R. Bishops and society. In: CASIDAY, A.; NORRIS, F. W. (ed.). *The Cambridge History of Christianity: Constantine to c. 600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 343-366.
- VELÁZQUEZ, I. *Hagiografía y culto a los santos em la Hispania visigoda: aproximación a suas manifestaciones literárias*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano, 2005.
- VILLEGAS MARÍN, R. La primacía de Arlés en las iglesias galas durante el episcopado de Patroclo (411/413-426). In: GHILARDI, M.; PILARA, G. (cur.). *Incontro di Studiosi dell'Antichità Cristiana*, 43., 2015, Roma. *Atas...* Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 2017, p. 307-317.
- WICKHAM, C. *O legado de Roma: iluminando a Idade das Trevas, 400-1000*. Campinas: Unicamp, IOESP, 2019.